

**ESTUDO EXPLORATÓRIO: QUE TEMAS SÃO TRADUZIDOS E/OU
PESQUISADOS EM CURSOS DE TRADUÇÃO NO BRASIL?**

**EXPLORATORY STUDY: WHAT ARE THE TRANSLATED AND/OR
RESEARCHED TOPICS IN BA TRANSLATION PROGRAMMES IN BRAZIL?**

Sandra DIAS LOGUERCIO¹

Márcia MOURA DA SILVA²

RESUMO: A formação profissional-acadêmica em qualquer disciplina passa, entre outros aspectos, por um processo de tomada de consciência do lugar desse profissional no mundo, para que o próprio sujeito em formação reconheça que papel(papéis) ele mesmo, enquanto profissional, poderia e gostaria de desempenhar. Esse processo é feito por sucessivas elaborações de sentidos – desconstrução e construção de saberes – em que os aspectos cognitivo, afetivo, social e político do indivíduo vão se transformando mútua e simultaneamente, apontando para representações que criam afinidades com determinados temas e, ao mesmo tempo, dissensões e distanciamentos. Em sintonia com práticas emancipatórias da construção do conhecimento emancipatory practices (SANTOS, 2011) e no âmbito do que podemos compreender como “terrenos sensíveis” (BOUILLON et al., 2006) – temas tabus, relacionados a minorias sociais, práticas e/ou abordagens inseridas em contextos de mediação política e/ou de assistência etc. –, interessa-nos saber a que “causas” político-sociais têm se vinculado bacharelados em Tradução ao final de sua graduação ou, em outras palavras, para que “processos de narração e renarração” (BAKER, 2018) eles têm se voltado. Metodologicamente, nos concentramos no levantamento de trabalhos de conclusão de curso, agrupando, por meio dos títulos e resumos, temáticas privilegiadas ao longo dos três últimos anos (2016-2018), período de intensas disputas político-ideológicas e discursivas no país. Nossa amostragem se limita a universidades públicas brasileiras de diferentes regiões e reúne três dos cursos mais antigos de formação de tradutores – UFRGS (1973), Unesp/IBILCE (1978) e UnB (1979) – e três dos cursos criados com o apoio do programa REUNI – UFPB (2009), UFPEI (2010) e UFU (2010) – de modo que possa ter uma representação mais ampla em termos geográficos e históricos. De maneira indireta, esses dados nos informam igualmente sobre o que está sendo privilegiado pelas próprias formações e/ou pelo corpo docente na atualidade, bem como sobre seu grau de permeabilidade discursiva.

Palavras-chave: Formação de tradutores. Trabalhos de conclusão de curso. Terrenos sensíveis. Permeabilidade discursiva. Abordagem Narrativa.

ABSTRACT: Academic professional education in any area of knowledge undergoes, among other aspects, a process of awareness of the place that the professional occupies in the world so that the subject recognizes what role (roles) he, as a professional, could and would like to play. This process is built by successive elaborations of meaning - deconstruction and construction of knowledge – in which the individual's cognitive, affective, social and political aspects are mutually and simultaneously transformed, indicating representations that create affinities with certain topics and at the same time

¹ Professora do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.

sandraloguercio@hotmail.com

² Professora do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.

marciamouras@hotmail.com

dissensions and estrangement. In tune with emancipatory praxis of knowledge construction (SANTOS, 2011), and within what we understand as "sensitive issues" (BOUILLON et al., –, 2006) - taboo themes related to social minorities, practices and/or approaches inserted into contexts of political mediation and/or assistance, etc. – we are interested in knowing to what social and political “causes” undergraduate translation students have been linked towards the end of their BA degree or, in other words, to what "processes of narration and renarration" (BAKER, 2018) they have subscribed. Methodologically speaking, we focus on undergraduate research papers, grouping, through titles and abstracts, favoured topics over the past three years (2016-2018), a period of intense political, ideological and discursive conflict in the country. The sample is limited to Brazilian public universities in different regions of the country, which includes three of our oldest translator training programmes - UFRGS (1977), Unesp/IBILCE (1978) and UnB (1979) - and three programmes created with REUNI support - UFPB (2009), UFPel (2010) and UFU (2010) - so that we can have a wider geographical and historical representation. Indirectly, these data will also inform us about what is currently being favoured by the programmes and/or faculty members, as well as the level of discursive permeability.

Keywords: Translator education, Sensitive issues. Undergraduate research papers. Discursive permeability. Narrative approach.

1 Introdução

Este estudo³, de carácter exploratório, parte de nossa insistência em pensar a tradução como produção de conhecimento, um conhecimento cuja especificidade passa pela mediação entre culturas, o que, apesar de apontar para um entre-lugar, nunca ocorre de forma neutra, mas antes é marcada por tomadas de decisão e posicionamentos. Não raras vezes, ao longo da história dos povos, a produção de tradutores e intérpretes foi determinante para sua vida social e política, como os casos sempre tão lembrados de São Jerônimo, com a Vulgata, e de Malinche, na conquista do México. Fruto do desenvolvimento de competências próprias ao fazer tradutório – como bem sintetiza o modelo holístico do Grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2001; 2015a; 2015b) –, a formação de tradutores e intérpretes passa igualmente, portanto, pela definição (e constantes redefinições) do papel social e político que, enquanto profissional que atua entre e com pessoas (ou sua representação discursiva e cultural), deveria exercer. Importa para nós também, nesse sentido, enfatizar aqui o diálogo que os Estudos da Tradução podem estabelecer com abordagens das Ciências Humanas e Sociais e como isso pode estar presente desde a formação inicial do profissional da área.

Para isso, buscamos apoio no conceito de conhecimento-emancipação apresentado por Santos (2011), na abordagem dos chamados “terrenos sensíveis”, ou tudo aquilo que fere os direitos humanos e a existência humana, de natureza antropológica e etnográfica (Bouillon et al., 2006), bem como, sobretudo, nos estudos de Baker (2018a, 2018b), que vê as escolhas tradutórias não só como desafios linguísticos locais, mas também como contribuições diretas às narrativas que dão forma a nosso mundo social. Os temas ou autores escolhidos para serem traduzidos ou pesquisados por alunos ao final da Graduação são indicativos, certamente, de suas preferências, mas também da tomada de consciência de sua relação com as demais questões atinentes à sociedade de maneira mais ampla e às narrativas que estão em disputa em determinado tempo-espço. Desse modo, seus trabalhos são reveladores tanto da permeabilidade discursiva das formações

³ Este artigo sintetiza as principais ideias apresentadas pelas autoras no simpósio *Tradução e emancipação: o conhecimento multicultural como base para o ensino e a pesquisa em tradução e interpretação* (ENTRAD 2019).

propostas quanto do desenvolvimento de posturas críticas e emancipatórias, que deveriam ser buscadas em todo projeto de ensino-aprendizagem.

Este artigo se organiza, assim, em duas principais partes: a apresentação dos autores e das noções que compõem nosso quadro teórico e o detalhamento do estudo exploratório realizado em seis cursos de Graduação de formação de tradutores no Brasil, com base no levantamento de trabalhos de conclusão de curso (TCC) defendidos e publicados entre 2016 e 2018.

2 Para abordar o conhecimento emancipatório em tradução

Pensar a formação de profissionais da Tradução a partir da perspectiva proposta por Baker (2018a, 2018b) – que nos inspira a buscar um ativismo emancipatório – passa pela compreensão, primeiro, dos princípios de uma produção do conhecimento que sustentem tal projeto; segundo, de que, se não há limite de temas e aspectos a serem abordados e articulados no âmbito da educação e da pesquisa de qualquer área, há que se admitir que há temas mais delicados, ora silenciados, ora reveladores de tensões no âmbito disciplinar, por isso chamados de *sensíveis*. Oriundas de horizontes diferentes – como a epistemologia científica das ciências humanas e a antropologia reflexiva⁴ – tais perspectivas se articulam, para nós, à abordagem narrativa da interação, privilegiada neste artigo para refletir sobre a prática tradutória e os processos de ensino-aprendizagem da área.

2.1 Sobre produção do conhecimento

Ao propor uma reflexão sobre a transição paradigmática vivida tanto pelas ciências quanto pelas sociedades neste início de milênio – em que assistimos à crise do paradigma sócio-cultural da modernidade ocidental (eurocêntrica), marcada pelo colapso da emancipação dos povos –, Santos (2011) insiste em uma teoria crítica (pós-moderna) que deveria, ela própria, se transformar em um novo senso comum: o da busca pela emancipação em todas as esferas da vida dos sujeitos. Por teoria crítica, compreende:

toda a teoria que não reduz a ‘realidade’ ao que existe. A realidade, qualquer que seja o modo como é concebida, é considerada [...] como um campo de possibilidades, e a tarefa da teoria consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado. A análise crítica do que existe assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto, há alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe. O desconforto, o inconformismo e a indignação perante o que existe suscita impulso para teorizar a sua superação. (SANTOS, 2011, p. 23)

Dito de outro modo, uma postura crítica na produção do conhecimento, sobretudo no âmbito das ciências humanas, supõe que ela ultrapasse *a análise do que existe*, para dizer também sobre *as alternativas ao que existe*. Movimento que exige dos pesquisadores, por um lado, conexão com as situações ou as condições que suscitam algum tipo de sofrimento em nossas sociedades – fruto de desigualdades, da exclusão e das injustiças mais diversas – e, por outro, tomada de posição e crítica ao próprio conhecimento que se produz, que não é imune a ideologias dominantes. Nesse sentido, toda produção de

⁴ Antropologia marcada por um fazer etnográfico em que o pesquisador, ao mesmo tempo que investiga, reflete sobre seu modo de investigar, suas motivações e sua relação com o que está sendo investigado, transformando-se igualmente em sujeito investigado; sua escrita, nesse caso, se aproxima de uma escrita literária (ver, por exemplo, GHASARIAN, 2002).

conhecimento que se alinhe com essas ideias deveria iniciar, segundo o autor, por esse último ponto, ou seja, pela crítica do conhecimento.

Essa crítica começa pelo fato de que, de maneira geral, as ciências praticadas na modernidade impuseram o *conhecimento-regulação* – que vai do caos à ordem – ao *conhecimento-emancipação* – que vai do colonialismo à solidariedade –, ao desacreditar e marginalizar este último. Isso ocorre, segundo o autor (*op cit.*, p. 30), em razão da dificuldade que temos de conceber um conhecimento que não seja baseado no princípio de ordenar as coisas, distinto do princípio de solidariedade, que implica o reconhecimento do outro, não mais visto na condição de objeto, mas na condição de sujeito. Tal perspectiva traz consequências para uma abordagem emancipatória de produção do conhecimento que se articulam em cadeia e desembocam em uma *teoria da tradução*: o reconhecimento do outro (sujeito) supõe seu reconhecimento como produtor de conhecimento; portanto, o conhecimento-emancipação só pode ser multicultural; característica que, ao se opor ao monoculturalismo (produzido pelo conhecimento-regulação), implica o enfrentamento do silêncio (ausências vistas nas construções dos saberes e da história dos saberes) e da diferença (inerente ao multiculturalismo), que só existe na medida em que um dado conhecimento (ou uma dada cultura) é *traduzido*, isto é, tornado compreensível para outra cultura.

A tradução⁵ aparece assim, para o autor, como suporte para práticas emancipatórias de produção do conhecimento que, mais do que buscarem o consenso, devem aceitar sua condição de complementaridade, criando redes alternativas às formas de opressão. Não podemos esquecer, porém, que a própria teoria da tradução (aquela que trata de tradutores e seus textos em uma relação interlinguística) enfrenta dificuldades oriundas do conhecimento-regulação, tais como: silenciamentos (obras, autora(e)s, línguas/culturas que não foram objeto de tradução⁶, lacunas evidenciadas, por exemplo, pela tradução feminista), indiferença ao multiculturalismo (vista em projetos tradutórios que buscam apagar as diferenças, reduzi-las a uma cultura hegemônica, ou na relação hegemônica entre as línguas) e o não reconhecimento, por parte de comunidades científicas, do conhecimento produzido pela produção tradutória, tema em constante debate entre os pesquisadores da área.

2.2 *Sobre terrenos sensíveis*

Olhar a prática tradutória, inserida, antes de tudo, em uma tradição disciplinar, da perspectiva de um paradigma emancipatório da produção do conhecimento, tal como descrevemos, leva-nos a refletir, por um lado, sobre os caminhos que têm trilhado a disciplina, identificando os silenciamentos ou as indiferenças que promove ou aos quais adere, e, por outro, sobre novas possibilidades que se abrem no momento mesmo em que lançamos um olhar crítico ao que é produzido. Nesse sentido, propomos nos aproximar de um campo de investigação, que tem sido exercitado pela antropologia de natureza reflexiva, alinhada ao paradigma epistemológico proposto por Santos (*op cit.*), conhecido como terrenos sensíveis (*terrains sensibles*).

⁵ Santos não explicita nesta obra o que entende por *tradução*, mas podemos supor, por referências que faz aos estudos culturais e literários pós-coloniais (p. 27), que ele se refere ao paradigma da tradução cultural.

⁶ A exemplo do que propôs Roberto Mulinacci (Universidade de Bolonha, Itália) em sua conferência “O Atlas submerso” (ENTRAD 2019, UFPB/PB), ao chamar a atenção de que a história da tradução deveria também ser contada da perspectiva da *história da não-tradução*.

Pela noção de terrenos sensíveis, referimo-nos [...], ao mesmo tempo, a espaços (guetos, ocupações, centros de retenção etc.) e a condições sociais (estrangeiros em situação irregular, pessoas em situação de rua, refugiados etc.) que as instituições tratam ou definem como casos excepcionais ou desvios em relação à regra. Classificados como “fora da norma”, esses grupos sociais se caracterizam por se desenvolverem à margem dos outros, [...].

Em primeiro lugar, [...], os terrenos são sensíveis por serem marcados por um sofrimento social, de injustiça, de dominação, de violência. Em segundo lugar, são sensíveis porque implicam a renúncia a um protocolo de pesquisa canônico, devendo o etnógrafo colocar à prova seus métodos para reinventar, [...], novas maneiras de fazer. [...] Por último, esses terrenos se revelam sensíveis por estarem vinculados a questões sociopolíticas cruciais, sobretudo em relação às instituições sociais normativas. O etnólogo deve responder a uma demanda social, [...], que emana simultaneamente de vários atores. (BOUILLON et al., 2006, p. 14-15, tradução nossa)⁷

Assim como os antropólogos, nós, pesquisadores em Tradução, também podemos nos concentrar na relação de tradutores e intérpretes com os terrenos sensíveis da sociedade. Para nós, isso passa desde situações de mediação em meio precarizado ou minoritário, em que a hegemonia linguística coloca em desvantagem, ou mesmo risco, pessoas em situação de vulnerabilidade (jurídica, de saúde etc.) – como fazem, por exemplo, tradutores e intérpretes comunitários que atuam junto a grupos linguísticos minoritários da sociedade, como surdos, indígenas, refugiados, entre outros – até escolhas de temáticas e discursos a serem traduzidos, bem como a maneira de traduzi-los, reveladoras de tomadas de posição por parte do profissional da área.

Além desses aspectos, que podemos relacionar mais diretamente a questões de minorias, invisibilidades, conflitos etc., é sensível também, para nós, o próprio *status* do profissional da Tradução em um país indiferente a políticas linguísticas que visem relações, interna e externamente, mais democráticas, porque mais plurais. A consequência disso é que, tanto no mundo profissional, ligado ao mercado editorial ou às agências de tradução, por exemplo, quanto no mundo acadêmico, em que os profissionais são avaliados em função de sua produção científica, tradutores e intérpretes tendem a ser minorados – afinal ainda prevalece a ideia de “reprodutores” de um discurso – e silenciados, devendo adequar-se a normas impostas por outros atores sociais (editores, agências de tradução, especialistas de outras áreas etc., estes, sim, capazes de decidir *o que e como* traduzir) como se nada tivessem a dizer sobre a produção de textos e discursos e, em última análise, sobre as trocas simbólicas que ocorrem em todo tipo de comunicação e das quais se tornam atores centrais em situação de tradução. O espaço universitário, pela natureza pluridisciplinar, de investigação ampla e irrestrita do conhecimento humano, bem como por garantir a controvérsia livre entre propostas, torna-se um lugar privilegiado

⁷ No original: Par la notion de terrains sensibles, nous nous référons [...] à la fois à des espaces (ghettos, squats, centres de rétention, etc.) et à des conditions sociales (sans papiers, SDF, réfugiés, etc.) que les institutions traitent ou définissent comme exceptionnelles ou déviantes par rapport à ce que doit être la règle. Placés « hors normes », ces groupes sociaux ont pour caractéristique commune d'évoluer à l'écart des autres, [...]. [...] En premier lieu, [...], les terrains sont sensibles en ce qu'ils sont porteurs d'une souffrance sociale, d'injustice, de domination, de violence. En second lieu, ils sont sensibles parce qu'ils impliquent de renoncer à un protocole d'enquête par trop canonique, l'ethnologue devant ici mettre ses méthodes à l'épreuve pour inventer, [...], de nouvelles manières de faire. [...] En dernier lieu, ces terrains s'avèrent sensibles en ce qu'ils relèvent d'enjeux socio-politiques cruciaux, en particulier vis-à-vis des institutions sociales normatives. L'ethnologue doit faire face à une demande sociale [...] émanant simultanément de plusieurs acteurs.

para experiências que questionem as práticas ordinárias de tradutores e intérpretes profissionais, bem como o que é traduzido.

2.3 Sobre a abordagem narrativa da interação

O questionamento do comportamento de tradutores e intérpretes na construção de realidades sociais e políticas já vem sendo exercitado por Baker (2018a, 2018b), que encontrou na abordagem *narrativa* da interação (utilizada na Teoria Social e na Comunicação) uma alternativa para estudar o que se produz em tradução. Narrativa, nesse caso, é entendida como *história*, “histórias que contamos a nós mesmos e aos outros sobre o(s) mundo(s) em que vivemos” (BAKER, 2018a, p. 519), não confundindo-se com gênero discursivo ou tipo textual, mas à forma como apreendemos as informações (o mundo). Nossa vinculação ou adesão a histórias, que passamos a contar a outras pessoas, norteiam, de algum modo, nossas ações e posicionamentos (político-ideológicos) no mundo. Longe de atuarem de maneira neutra, apolítica, tradutores e intérpretes “carregam” também suas histórias, seus posicionamentos variados e dinâmicos, que vão marcar suas relações com textos, autores, sociedades e ideologias. Desse modo, cada escolha tradutória é vista “como um tipo de índice que ativa uma narrativa, uma história de como é o mundo ou algum de seus aspectos” (*op. cit.*, p. 527). Em outras palavras, escolhas tradutórias, mais do que responderem a uma norma ampla e abstrata (linguística, tradutória e cultural)⁸, são reveladoras de escolhas político-ideológicas de maior ou menor evidência, dependendo do contexto tradutório.

É nesse sentido que podemos pensar ser igualmente possível a adoção de uma postura de resistência, de questionamento, por parte do indivíduo e/ou do grupo a partir da tomada de consciência de seu papel como tradutor e/ou intérprete⁹. Isso passa certamente, antes de tudo, pela confrontação com o próprio *status quo* da Tradução, tanto da perspectiva do mercado de trabalho quanto no âmbito da formação e da pesquisa, como mencionamos antes. Alinhamo-nos, assim, à concepção de Baker quando diz:

[...], defendo que a tradução não media encontros culturais que existem fora de seu âmbito, mas sim participa na produção destes encontros. A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro. Ao adotar uma abordagem narrativa da interação, [...], parto do princípio de que as histórias que contamos e recontamos, incluindo aquelas recontadas por meio de traduções, constituem um local onde exercitamos nossa atividade e, nesse sentido, elas são, em última análise, uma ferramenta para mudar o mundo. (BAKER, 2018b, p. 340)

⁸ “Norma” tal como definida pela Teoria dos polissistemas de Gideon Toury, que, segundo Baker (2018a), não leva em conta a interação entre modelos de comportamentos repetidos e tentativas de subvertê-los ou de resistência.

⁹ Entendemos que uma postura de resistência acontece no cotidiano das atividades humanas, independentemente de grupos organizados para esse fim. Vale destacar, porém, o trabalho que vem sendo realizado por profissionais da tradução e da interpretação que se assumem hoje como ativistas (*Translators for Peace, Tlaxcala: The International Network of Translators for Linguistic Diversity, ECOS – traductores e interpretes por la solidaridad* etc.), organizando-se em movimentos coletivos autônomos para fazer frente ao *status quo* político, usando suas competências linguísticas para criar novos espaços de resistência, seja dando visibilidade a narrativas silenciadas ou possibilitando narrativas em outras línguas, minoradas pela hegemonia do inglês e por políticas linguísticas globalizantes.

A articulação de tal ponto de vista com a noção de conhecimento-emancipação e de terrenos sensíveis nos leva a questionar em que medida e de que modo a produção tradutória ou, em última análise, os textos escritos ou orais produzidos por tradutores e intérpretes, frutos de uma mediação intercultural – que está na base da circulação de produtos culturais e simbólicos no mundo –, afetando portanto, provavelmente, todas as esferas da vida das sociedades, atua para libertá-las, torná-las mais justas, menos perversas, empobrecidas ou colonizadas. Para nós, tal reflexão deveria iniciar nos cursos de formação de tradutores e/ou intérpretes.

3 Produção sensível na graduação

Partindo do quadro exposto, o estudo que passamos a relatar busca identificar a que “causas” político-sociais têm se vinculado bacharelados em (Letras)Tradução ao final de sua formação, propondo um primeiro balanço da situação. Tratamos, assim, de sujeitos que “concluem” um período de transição, a da formação profissional-acadêmica, e que deixam registrado, de algum modo, o resultado desse percurso em seus trabalhos finais. Daí nossas principais perguntas de pesquisa: há aproximações com temas/abordagens sensíveis na formação de tradutores? A que narrativas os estudantes aderem, vinculam-se? Questões que acabam por dizer também sobre o grau de conexão do próprio curso – o que podemos pensar em termos de permeabilidade discursiva – com essas narrativas, considerando a relação estabelecida entre discente e docente em todo processo de ensino-aprendizagem.

Como esse processo é feito por sucessivas elaborações de sentidos – desconstrução e construção de saberes (GIORDAN, 1998) –, em que os aspectos cognitivo, afetivo, social e político do indivíduo vão se transformando mútua e simultaneamente, é possível pensar que, ao longo da formação, estudantes criam afinidades com determinados temas e, ao mesmo tempo, dissensões e distanciamentos. Ao buscar compreender o ato de aprender, Giordan nos esclarece, nesse sentido, que:

Aprendemos tão somente o que nos toca ou nos atrai. Podemos notar todos os dias, mesmo a título pessoal, a importância da emoção, do desejo, do engajamento, do imaginário no ato de aprender.

Essas quatro dimensões se regulam reciprocamente para constituir três níveis de investigação. Por exemplo, a questão da afetividade (a intencionalidade) remete à questão do sentido que o indivíduo atribui ao saber sobre o saber (ou metacognição). Ora, esta é elaborada e adquire significado (a elaboração) em um contexto social. Querer abordar esses aspectos separadamente impede que se compreenda as relações entre o aprender e o indivíduo. (GIORDAN, 1998, p. 186, tradução nossa)¹⁰

Refletir sobre o aprender de uma perspectiva emancipatória no âmbito da produção tradutória nos leva a querer conhecer, por sua vez, o que, enquanto docentes e pesquisadores da área, estamos ajudando a promover dentro dos cursos, de que maneira temos tocado nossos alunos e para quais questões temos suscitado seu interesse. Sem esquecer que o movimento de ensino-aprendizagem é recíproco, também podemos

¹⁰ No original: L'on n'apprend que ce qui nous touche ou nous accroche. Tous les jours, on peut noter, même à titre personnel, l'importance de l'émotion, du désir, de l'engagement, de l'imaginaire dans l'acte d'apprendre. Ces quatre dimensions se régulent réciproquement pour constituer trois niveaux d'investigation. Par exemple, la question de l'affectivité (l'intentionnalité) renvoie à la question du sens qu'accorde l'individu au savoir sur le savoir (la métacognition). Or, celle-ci s'élabore et prend sa signification (l'élaboration) dans un contexte social. Vouloir aborder ces aspects de façon séparée ne permet pas de comprendre les relations entre l'apprendre et l'individu.

inverter a questão, perguntando-nos que temas e interesses manifestados pelos estudantes temos acolhido nas instituições universitárias.

3.1 Procedimentos metodológicos

Após realizar um levantamento dos cursos de Letras/Tradução no país, selecionamos seis instituições públicas de diferentes regiões do Brasil¹¹. Os cursos de Bacharelado de três dessas instituições estão entre os mais antigos do país – UFRGS (1973); UNESP (1978) e UnB (1979) –, e três entre os mais recentes – UFPB (2009); UFPel (2010) e UFU (2010) –, criados a partir do programa de Restauração e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Há uma concentração de cursos de Tradução em determinadas regiões (quadro 1), mas, por outro lado, a partir da criação do REUNI, mais cursos foram levados para o interior dos estados e também para outras regiões. Das seis instituições selecionadas, as mais antigas apresentam um maior volume de trabalhos, comparativamente aos cursos mais jovens (quadro 2). A UNESP é a única entre as instituições estudadas que não tem o TCC na grade curricular.

Quadro 1 – cursos de Tradução/Interpretação (graduação)

Regiões	Centro oeste e distrito federal	Nordeste	Sudeste	Sul	Total
Número de cursos Tradução	3	3	14	4	15

Fonte – elaboração própria

Quadro 2 – Trabalhos defendidos entre 2016 e 2018

Regiões	UFRGS	UNESP	UnB	UFPB	UFPel	UFU	Total
Total TCCs defendidos	86	0	105	19	7	14	231

Fonte – elaboração própria

Para agruparmos as temáticas privilegiadas nesses cursos, buscamos nos repositórios institucionais, por meio de título e resumos, TCCs defendidos entre 2016 e 2018, período de intensas disputas político-ideológicas e discursivas no país. Durante o levantamento, tivemos que lidar com o fato de que nem todas as universidades possuem repositórios atualizados e outras não disponibilizam esses trabalhos nos respectivos repositórios em razão da não obrigatoriedade da divulgação de trabalhos em nível de graduação.¹²

Além das temáticas tratadas nos TCCs, ao visitarmos as páginas das universidades, verificamos a duração de cada um dos cursos e as línguas oferecidas (quadro 3), pois tal informação tem impacto no número de trabalhos defendidos. Igualmente nos interessou os textos de apresentação do curso que mostram como estão sendo apresentados à comunidade geral e também servem como um ‘cartão de visita’ ao vestibulando, estimulando-o a tentar uma vaga em determinado curso. Esse exame nos mostrou que há necessidade de reformulação desses textos para que melhor reflitam a tradução enquanto

¹¹ Foram encontrados 25 cursos de Graduação destinados à formação de tradutores e/ou intérpretes. Dos cursos selecionados, dois são de Bacharelado em Tradução (UFPB e UFU) e quatro (UFRGS, UNESP, UnB e UFPel) são de Bacharelado em Letras com habilitação em Tradução.

¹² Essa situação nos levou a fazer contato diretamente com docentes do curso para obtenção da informação que procurávamos.

atividade produtora de conhecimento e o tradutor como um profissional crítico e atento ao que acontece ao seu redor.

Quadro 3 – duração dos cursos e língua em oferta

Instituição	Duração do curso	Línguas
UFRGS	4 anos	alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, LIBRAS
UNESP	4 anos	espanhol, francês, inglês, italiano
UnB	4 anos	espanhol, francês, inglês
UFPB	4 anos	inglês
UFPEl	4 anos	espanhol, inglês
UFU	3.5 anos	inglês

Fonte – elaboração própria

A partir da informação coletada, criamos tabelas na ferramenta Excel para melhor analisarmos os resultados, organizados em ano, número total de TCCs defendidos, línguas e temáticas sensíveis abordadas¹³. Por meio da leitura dos resumos, identificamos temáticas e/ou abordagens sensíveis, não definidas previamente, mas com base no posicionamento e motivações da realização do trabalho. Essa etapa se mostrou fundamental, pois nem sempre o conhecimento do tema da pesquisa e os títulos nos possibilitaram identificar nosso objeto de estudo. Também é importante salientar que os dados aqui discutidos têm por base as consultas feitas ao longo do mês de setembro de 2019, sendo que é possível que nem todos os trabalhos defendidos nas universidades estejam disponíveis em seus repositórios, logo, podem não terem sido incluídos em nosso estudo.

3.2 Levantamento dos dados e análise

3.2.1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O texto de apresentação¹⁴ do curso de Bacharelado Letras/Tradução, além de listar as sete línguas oferecidas, destaca a ênfase no texto escrito (o curso oferecia a modalidade interpretação até meados da década de 1990) e na formação profissional do aluno, que estará capacitado a traduzir, verter e revisar textos de diferentes gêneros com acurácia e senso crítico, além de elaborar glossários e bancos de dados.

Como curso mais antigo entre as universidades federais, a UFRGS passou a incluir defesas de TCC em seu currículo a partir da última reforma curricular do Bacharelado, em 2012, sendo que os primeiros trabalhos de conclusão foram defendidos em 2016. Esses trabalhos são disponibilizados na plataforma LUME¹⁵, que abriga as diversas categorias de produção científica. Nela, pode-se selecionar “trabalhos acadêmicos e técnicos”, a partir do qual pode-se limitar a busca aos TCCs e escolher alguns critérios, como pesquisa geral, assunto, ano, entre outros, para uma busca mais pontual. Além do acesso pelo repositório institucional, os trabalhos também podem ser acessados pela

¹³ Para próximas etapas, iremos incluir outras variáveis, como sexo dos orientandos e orientadores e divisão de gênero estudados em literário, não literário e literatura infantojuvenil.

¹⁴ https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=184

¹⁵ <https://www.lume.ufrgs.br/>

página do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET)¹⁶. O quadro 4 mostra os resultados de trabalhos defendidos nesta instituição.

Quadro 4 – dados UFRGS

	N. de TCC	Línguas							Outra ¹⁷	Temas sensíveis
		AL	ES	FR	IN	IT	JA	RU		
2016	28	3	1	2	16	x	1	2		1
2017	23	5	x	3	8	2	3	x		2
2018	35	x	4	1	13	x	5	2	1	8
Total	86	8	5	6	37	2	9	4	1	
Temas sensíveis		1	1	3	4	x	1	x	1	11

Fonte – elaboração própria

Como mostra o quadro, há um número maior de defesas em língua inglesa porque esta é a língua com maior demanda no curso, sendo que dos trinta e sete trabalhos defendidos no período de três anos, quadro abordam temática sensível, ou seja, 11% do total, todos em 2018. Apesar de que defenderam-se mais trabalhos em língua japonesa (9) e alemão (8) do que francês (6), esta língua teve um número maior de temas sensíveis. De seis trabalhos defendidos em língua francesa, três estão nessa categoria (1 por ano), ou seja, 50% do total. Apesar da ausência desses temas no russo, vale lembrar que essa língua não é oferecida como ênfase, assim, vemos os quatro trabalhos que foram defendidos no período do estudo como sendo um dado extremamente positivo, pois é sinal de que há interesse por parte dos alunos em trabalharem com línguas que não são hegemônicas em nosso contexto. Esse interesse nos faz refletir sobre o impacto que trabalhos em outras línguas podem trazer para a consolidação do processo de internacionalização, através da tradução, para além do domínio de uma única língua estrangeira. Em relação a LIBRAS, uma das ênfases do programa e que por sua natureza enfoca temáticas voltadas à acessibilidade, por ser um curso recente, ainda não tem trabalhos defendidos. Por fim, chamamos a atenção para o fato de que bacharelados não defendem necessariamente em tradução, tendo produções em outras disciplinas.

As temáticas sensíveis identificadas nesta instituição, incluindo todas as línguas, foram: i) feminismo/gênero (50%); ii) minorias/literatura periférica (30%); iii) acessibilidade (10%) e iv) meio ambiente (10%).

3.2.2 Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus São José do Rio Preto

Como o TCC não faz parte da grade curricular da UNESP, limitamo-nos a trazer informações disponibilizadas em sua página de apresentação do curso¹⁸. O vestibulando

¹⁶ O NET, vinculado ao Instituto de Letras (UFRGS), abriga grupos de estudos, promove eventos, palestras e oficinas e publica periódicos sobre tradução. Seu principal objetivo é divulgar e promover a Tradução e os Estudos de Tradução não só no Instituto de Letras e na Universidade, mas, também, junto à comunidade de maneira geral, fomentando o encontro entre graduandos, pós-graduandos e profissionais da área. Para mais informações, consultar <http://www.ufrgs.br/net/trabalhos/tcc>.

¹⁷ Trabalho em tradução intralingual, em língua portuguesa, (acessibilidade textual).

¹⁸ <https://www.ibilce.unesp.br/#!/graduacao/cursos/tradutor/apresentacao/>

pode escolher entre duas línguas como ênfase, inglês ou francês, devendo optar como segunda língua pelo espanhol ou italiano. O texto de apresentação dá ênfase na atividade prática e nos locais/espacos de trabalho do futuro profissional de tradução:

- Traduzir e verter textos de gêneros variados;
- Revisar textos;
- Trabalhar em empresas, escritórios, mercado editorial, produtoras de cinema etc.

3.2.3 Universidade de Brasília (UnB)

Em seu texto de apresentação¹⁹ – disponibilizado na página do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) –, a instituição chama a atenção para o ganho da formação em espanhol (REUNI, 2009), mas também para a perda da ênfase em alemão. Atualmente o programa oferece cursos em espanhol, francês e inglês. No geral, o texto lembra momentos históricos (curso criado por Delton de Mattos) e destaca o papel do egresso no mercado profissional sobretudo em órgãos de Estado, tais como, entre outros, Senado e Câmara federais, Ministérios, Embaixadas e Itamaraty.

Entre as seis universidades, a UnB é a que apresenta o maior número de TCCs defendidos, pois as defesas tiveram início antes das outras. O repositório de monografias da instituição²⁰ oferece a opção de busca por critérios. Utilizando-nos dos critérios ‘ano’ e ‘assunto’ (por exemplo, tradução + inglês), totalizamos 105 trabalhos, distribuídos conforme mostramos no quadro 5 mostra.

Quadro 5 – dados UnB

UNB					
	No. de TCCs	Línguas – total TCCs			Temas sensíveis
		EN	FR	ES	
2016	42	15	8	19	7
2017	43	20	8	15	8
2018	20	10	4	6	5
Total	105	45	20	40	
Temas sensíveis		13	1	6	20

Fonte – elaboração própria

Como mostram os resultados, o espanhol, curso noturno e mais recente, defendeu mais TCCs que o francês (40 e 20 trabalhos respectivamente). O inglês, como na UFRGS, foi o que mais teve trabalhos defendidos, sendo que na UnB também lidera em número de trabalhos com temas sensíveis (13), ou seja, quase 30% do total dos trabalhos nessa língua, seguida do espanhol com 15%.

¹⁹ http://www.postrad.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=592

²⁰ <https://bdm.unb.br/handle/10483/1>

Diferentemente da UFRGS, na UnB identificamos trabalhos voltados à acessibilidade (legendagem) e que cobrem, de maneira geral, mais temas sensíveis, como Ética e Política.

3.2.4 Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A página de apresentação da instituição²¹ enfatiza a relação do tradutor com a sociedade e expõe uma concepção do profissional do texto, como lemos, por exemplo, nos seguintes trechos: “formar tradutores capazes de lidar com a língua enquanto ação social e não descolada de seu contexto de produção; entender que formas de dizer são formas de significar e que o processo tradutório é um processo de retextualização de um texto de partida”. Além disso, destaca que em 2018 o curso recebeu nota máxima na avaliação do MEC e no Guia do Estudante. Apesar de ser uma página convidativa, é preciso entrar em diversos *links* para obter outras informações sobre o curso, inclusive das línguas oferecidas.

Com um sistema de consulta do repositório de trabalhos acadêmicos²² similar ao da UnB, também foi possível fazer a busca dos trabalhos por critérios de ano e assunto. O quadro 6 mostra os resultados para esta instituição.

Quadro 6 – dados UFPB

UFPB								
	No. de TCCs	Línguas						Temas sensíveis
		IN	FR	ES	AL	JA	LIBRAS	
2016	2	2						x
2017	5	3		1				3
2018	12	5	3	2	1	1	1	4
Total	19	10	3	3	1	1	1	
Temas sensíveis		3		2		1	1	7

Fonte – elaboração própria

O quadro acima mostra que, a partir de 2017, houve um crescimento no número de trabalhos defendidos em todas as línguas. Em relação aos temas sensíveis, no inglês (única ênfase do curso), 30% do total de trabalhos estão nessa categoria. As demais línguas em que identificamos esse tema ou abordagem são oferecidas como disciplinas eletivas, é caso do espanhol, que de três trabalhos defendidos dois abordam temáticas sensíveis, do japonês e da LIBRAS, ambos com um trabalho defendido. Destacamos que, embora não tenhamos identificado esse tema nas línguas francesa e alemã, é positivo o fato de haver trabalhos defendidos nessas línguas que não são ênfase, mas que ampliam a possibilidade de escolha e de atuação para os discentes. Dentro da categoria analisada,

²¹ <http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/?author=2> > <http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/contents/menu/ctrad-1/conheca-o-curso-1>

²²

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2398/browse?type=subject&submit_browse=Assunto

privilegiaram-se trabalhos com temática feministas/gênero, inclusive em japonês, e de visibilidade a minorias.

3.2.5 Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Com a formação mais curta de todas as universidades aqui trazidas, a instituição oferece na modalidade Bacharelado apenas o par linguístico português-inglês. Seu texto de apresentação²³ enfatiza a formação de um profissional preparado para atuar no mundo globalizado, “aliando teoria, prática e reflexão sobre o traduzir”. Seu repositório²⁴ é de fácil navegação, exibindo todas as monografias defendidas (data, título e autor) em ordem decrescente, mas ainda oferecendo outras opções de busca ao consulente, como por autor, assunto, título, orientador etc. O quadro 7 mostra os resultados de trabalhos defendidos nesta instituição.

Quadro 7 – dados UFU

UFU			
	No. de TCCs	Línguas	Temas sensíveis
		IN	
2016	x		
2017	1	1	
2018	13	13	
Total	14	14	
Temas sensíveis		1	1

Fonte – elaboração própria

Com início de defesas em 2017, nota-se um crescimento considerável em 2018 com treze trabalhos, sendo que já há evidência de que esse número irá aumentar, visto que a página já exibe um total de quatorze trabalhos defendidos no primeiro semestre de 2019. Dos treze trabalhos defendidos em 2018 apenas um está voltado a uma temática sensível (acessibilidade para surdos e ensurdecidos – legendagem).

3.2.6 Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Apesar de ter uma página para cada uma das línguas oferecidas (inglês e espanhol), a página do Bacharelado em Letras – Tradução Espanhol-Português²⁵ é a mais completa e cita o Bacharelado em inglês também. Nessa página, a instituição destaca as competências necessárias para atuação do profissional de tradução e também chama a atenção para a meta de oferta dos pares linguísticos alemão-português e francês-português para um futuro próximo.

²³ <http://www.ileel.ufu.br/traducao/>

²⁴ <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19118?offset=0>

²⁵ <https://wp.ufpel.edu.br/traducoespanhol/curso/>

Os TCCs não se encontram no repositório institucional, o que dificultou bastante a busca, sendo que as informações coletadas (relativas a um total de 7 trabalhos) foram obtidas através de contato pessoal. O quadro 8 mostra os resultados desse levantamento.

Quadro 8 – dados UFPel

UFPel				
	No. de TCCs	Línguas		Temas sensíveis
		IN	ES	
2016	2	2		1
2017	3	3		1
2018	2	1	1	
Total	7	6	1	
Temas sensíveis		2		2

Fonte – elaboração própria

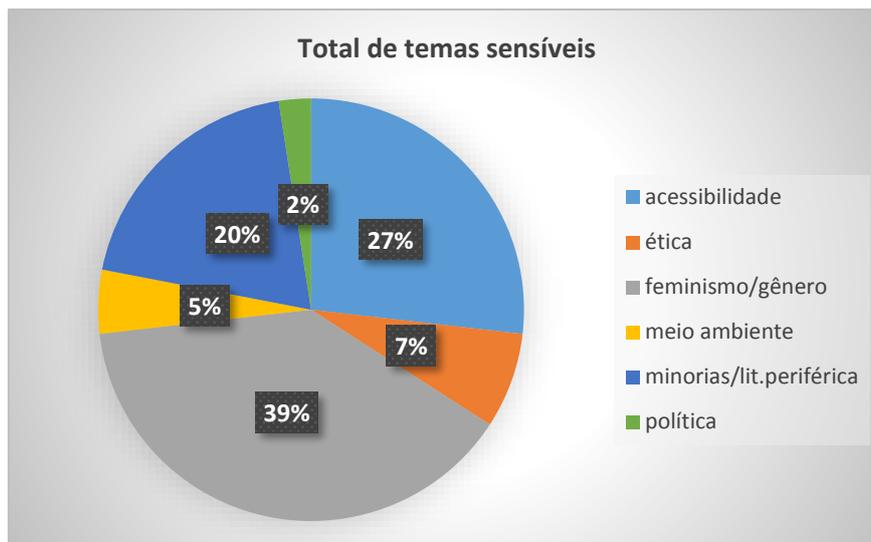
Os sete trabalhos defendidos estão bem distribuídos. Os dois trabalhos com temáticas sensíveis foram em língua inglesa, um sobre interferência sexista na tradução de série (*Jogos Vorazes*) e um em acessibilidade para surdos em ambiente escolar.

4 Resultado geral

O resultado combinado do levantamento feito para verificarmos se há aproximação com temáticas sensíveis em trabalhos de TCCs em seis universidades públicas mostrou que:

- A UnB é a instituição que apresenta uma variedade maior dessas temáticas, tendo trabalhos em todas as categorias identificadas (acessibilidade; ética; feminismo/gênero; meio ambiente; minorias/literatura periférica e política);
- Em termos de volume de trabalhos, a área mais contemplada, ou seja, aquela em que as formações têm se mostrado mais permeáveis discursivamente, é a voltada ao feminismo/gênero, seguida da acessibilidade e de minorias/literatura periférica.
- Ainda que haja um número maior de trabalhos em língua inglesa, observa-se um crescimento considerável de trabalhos em outras línguas, sendo que há, levando em conta o número de trabalhos defendidos, uma porcentagem maior de temas sensíveis nessas línguas, sobretudo espanhol e francês;
- Das temáticas identificadas nos TCCs defendidos (conforme Figura 1), ainda fala-se muito pouco de meio ambiente, ética e sobretudo política.

Figura 1 – distribuição dos temas sensíveis



Fonte – elaboração própria

5 Para não concluir

Além de nos indicar temáticas abordadas nos cursos, o estudo nos mostrou que há necessidade de maior transparência (visibilidade) dos trabalhos feitos em graduação, começando com a maneira como são apresentados nas páginas das instituições: informações sobre os trabalhos produzidos deveriam ser atualizadas com mais frequência, bem como os textos introdutórios que apresentam os objetivos e a concepção dos cursos deveriam ser mais relevantes para a compreensão da profissão e do que implica a tarefa tradutória. Listas incompletas ou inexistentes de TCCs defendidos parecem não reconhecer a importância desses trabalhos na formação acadêmica de nossos alunos.

Em relação aos trabalhos em si, observamos que a “narrativa” construída nos resumos importa tanto ou mais do que o tema ou autor/obra traduzido, pois revela a conexão dos autores com questões sociais, políticas e ideológicas de seu tempo-espço. O que é enfatizado pelo autor e a maneira como o tema é abordado são indícios do posicionamento do autor, fazendo com que seja lido ou não como uma abordagem sensível. Além disso, com o crescimento regular desses cursos e até possíveis adições de pares linguísticos, a tendência é de se ver um aumento no número de TCC’s. Consequentemente, temáticas e abordagens sensíveis também tendem a aumentar, pois passa a haver, naturalmente, influências de outros horizontes culturais e perspectivas. Vale destacar ainda, como mostrou nosso estudo, o aumento do número de trabalhos que apontam para esses temas entre os anos de 2017 e 2018, período de intensificação das crises econômica e política no país – com graves repercussões para os valores morais e éticos da sociedade –, bem como de acirramento das disputas ideológicas. Porém, haja vista a atual política governamental de silenciamento de vozes e de ataque ao pensamento crítico (emancipatório) no ambiente acadêmico, não deixamos de temer que possa haver um movimento contrário. Assim, temas sensíveis ainda não encontrados nos trabalhos, tais como imigração/migração/exílio, refugiados, exclusão social, pobreza, línguas originárias, tradução/interpretação em situações de risco ou conflito, entre tantos outros, que demandam igualmente um olhar por parte da pesquisa na área e que poderiam vir a ser contemplados com o aumento de trabalhos, podem demorar um pouco mais para serem abordados.

Por fim, com base nesses primeiros resultados, vemos uma possibilidade de se criar um *observatório* dos estudos da tradução no Brasil, projeto que nos manteria vinculados às

demais disciplinas das Ciências Humanas e Sociais e serviria como um termômetro para nós mesmos. Vemos os cursos de Graduação, nesse sentido, como fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e emancipatório, sendo o trabalho de conclusão de curso (TCC) um dos primeiros instrumentos de produção e compartilhamento de conhecimento científico entre pares, bem como um espaço de exercício de autoria e posicionamento, que não deve ser esquecido na vida profissional dos graduados em Tradução. Vale lembrar ainda que, se a pesquisa de docentes e o trabalho de orientação de pós-graduandos contribuem para a qualificação permanente da docência na Graduação, o movimento inverso também se verifica: sendo os graduados aqueles que alimentam e impulsionam cursos de Pós-Graduação e, conseqüentemente, a produção do conhecimento na área.

6 Referências

- HURTADO ALBIR, A. **Aprender a traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación a la traducción**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015a.
- _____. **Aprender a traducir del francés al español: competencias y tareas para la iniciación a la traducción. Guía didáctica**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015b.
- _____. **Traducción y Traductología: introducción à la traductología**. 4.ed., Madrid: Cátedra, 2008.
- BAKER, M. Trad. de Roscoe-Bessa, C.; Lamberti, F.; Rodrigues, J.A. “A tradução como um espaço alternativo para a ação política”. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, nº 2, p. 339-380, mai-ago, 2018a.
- _____. Trad. de Roscoe-Bessa, C.; Lamberti, F. “Reenquadrando o conflito na tradução”. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, nº 3, p. 518-548, setembro, 2018b.
- BOUILLON, Florence et al. (org.). **Terrains sensibles : expériences actuelles de l’anthropologie**. Paris: EHESS, 2006.
- GHASARIAN, Christian (org). **De L’ethnographie à l’anthropologie réflexive nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux**. Paris: Armand Colin, 2002.
- GIORDAN, André. **Apprendre !** Paris: Belin, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. v. 1, 8.ed., São Paulo: Cortez, 2011.

